

BIBLIOTECA DRAMÁTICA POPULAR

N.º 366

LUÍS FERREIRA DE CASTRO SOROMENHO

RESSONAR SEM DORMIR

COMÉDIA EM 1 ACTO

(IMITAÇÃO)

Representada com grande apauso em diferentes theatros
e no do Ginásio com o título

A ORDEM É RESSONAR

==
10.ª EDIÇÃO
==

LIVRARIA POPULAR

DE

FRANCISCO FRANCO

14, Rue de Berros, Quelrós, 18

Telef. 28948 — LISBOA

BIBLIOTECA DRAMÁTICA POPULAR

N.º 366

LUÍS FERREIRA DE CASTRO SOROMENHO

RESSONAR SEM DORMIR

COMÉDIA EM 1 ACTO
(IMITAÇÃO)

Representada com grande êxito em diferentes theatros
e no do Ginásio com o título

A ORDEM É RESSONAR

==
10.ª EDIÇÃO
==

LIVRARIA POPULAR

DE

FRANCISCO FRANCO

14, Rue de Barros Quelós, 18

Telef. 28948 — LISBOA

ACTO ÚNICO

Um quarto de dormir. Ao centro uma cama com cortinas. À E. uma janela; à D. portas de comunicação e ao fundo a porta da escada. Sobre uma mesa uma vela acesa. É noite.

CENA I

Fernando (só)

(Entra vagarosamente, vestido de capitão, trazendo uma carta) Ninguém!... (esprieta pela fechadura da porta do quarto de Clara) Belíssimo! Minha mulher dorme tranquilamente. (abrindo a carta) Pois senhores, a carta do meu amigo Sequeira não pode ser mais explícita. (lê) «Meu caro Fernando: Julgo conveniente comunicar-te que Dolores chegou há dois dias de Sevilha e que vai hoje ao baile de máscaras a S. Carlos. Leva um domínó azul com enfeites brancos. Casado como hoje estás, com uma senhora a quem amas, deves ter a maior cautela com o amor-próprio ofendido de uma mulher desprezada. Dolores jurou vingar-se, e por isso, como verdadeiro amigo, aconselho-te que procures obter da sua mão todas as provas do amor que noutro tempo lhe dedicaste. — Teu amigo, Sequeira». (falando) Não há dúvida. Dolores é bastante caprichosa e por isso é capaz de perturbar o meu sossego e transtornar a confiança que minha mulher em mim deposita! Aproveitarei a ocasião do baile de máscaras... (pensando) Mas como, se não tenho um pretexto plausível para ir a S. Carlos?!... Oh! que grande ideia! (desmancha a cama e depois grita) Não se pode viver nesta casa! Não posso, decididamente, não posso!

PERSONAGENS

FERNANDO, capitão de infantaria
TORIBIO, soldado da 8.ª companhia
CLARA, mulher de Fernando
BURROMEU, criado

ACTUALIDADE

CENA II

Fernando e Clara

Clara (*entrando*)—Que tens, Fernando? Que te succedeu?

Fernando—O que há-de ser?... Tudo em desarraio!... A cama por fazer, o candeeiro por acender, finalmente... (*gritando*) está tudo em desordem, em completa desordem.

Clara—Jesus! Eu julguei que... (*chamando*) Joana? Burromeu?

Fernando (*à parte*)—Mau, que ela chama reforço!

CENA III

Os mesmos e Burromeu

Burromeu—A patroa chamou?

Clara—Traz depressa o candeeiro. Onde está a Joana?

Burromeu—A Joana, coitadinha, está com uma «coleca» e não faz senão rebolar-se por riba de tudo. Há pouco se lhe não fujo...

Clara—Vai buscar o candeeiro, avia-te.

Fernando (*à parte*)—Bem, da criada estou eu livre; e preciso afastar o criado. (*alto*) Agora até a criada adoeceu! (*assenta-se e escreve*).

Clara (*compondo a cama*)—Não te zangues, Fernando. Olha, já está tudo pronto.

Burromeu (*entrando com o candeeiro aceso*)—Aqui está o «petrolini» aceso.

Fernando (*dando-lhe uma carta*)—Toma; leva esta carta a casa do tenente Frágoso.

Burromeu—A noite ameaça chuva...

Clara—E mora tão longe o Frágoso!

Burromeu—E quase «kilo e metro»...

Fernando—Cale-se. O serviço não atende a distân-

cias. Esta carta trata de um documento importante para uma viúva, e...

Burromeu (*sentando-se*)—E...

Fernando—Tu sentas-te, animal?

Burromeu—E' que eu cuidei que o patrão ia a contar-me a história da viúva...

Fernando—Vai-te, imediatamente. (*Burromeu sai a medo*).

Clara—Não sejas tão áspero para o Burromeu, que é tão dedicado.

Fernando—Estou farto de dedicações.

Burromeu (*deitando outra vez a cabeça fora da porta*)

—Pergunta a Joana se o patrão esta noite toma a magnésia?

Fernando—Tomo, sim.

Burromeu (*gritando para dentro*)—Toma. (*deitando outra vez a cabeça fora da porta*) Coitadinha, apesar de lhe doer tanto a barriga, não se esqueceu da magnésia do patrão. (*retira-se*).

CENA IV

Fernando e Clara

Clara (*com amabilidade*)—Fernando, que faltas cometi para me tratares desse modo?

Fernando—Pergunte-o à sua consciência. Diga-me onde esteve esta tarde? (*com fingido exaspero*).

Clara—Que pergunta! Pois não te disse que estive em casa de minha tia?

Fernando—Mas que foi lá fazer?!

Clara—Fui fazer-lhe uma visita e acompanhá-la a Avenida.

Fernando (*à parte*)—Oh! que bela ideia!... (*alto*) Ora aí está o motivo da minha indisposição. Foi a Avenida!... Não sabe que a Avenida só serve para exposição de vestidos, para dar largas as loucuras e... para fazer conquistas?

Clara—Fernando!

Fernando—Se estivesse sempre em casa não teria esse visconde da Horta Seca o arrojo de lhe escrever uma carta de amabilidades e... de tolices!

Clara—Ora... quem faz caso duma figura tão ridícula!
Fernando—Sim, sim... não é com essas!... As mulheres quase sempre dizem mal daqueles de que mais gostam. Servem-se da palavra mordaz para ocultar as paixões do coração! Ah! eu disto tenho grande prática!...

Clara (*chorando*)—Fernando, tu ofendes-me!...

Fernando—A senhora assim o quer. (*reparando*) Ah! temos lágrimas!... Pois não espere que eu lhas vá enxugar!...

Clara (*ressentida*)—Nem tu que eu te peça perdão de faltas que não cometi! Amanhã hei-de contar tudo a minha tia!

Fernando—E' só o que falta!

Clara—Ela me aconselhará o que devo fazer.

Fernando—Faça o que quiser.

Clara—Ingrato!

Fernando (*cantando*)—Tarari... tarari...

Clara—Coração de mármore! Não julgues que passe a noite a ouvir-te cantar!...

Fernando—Então, muito boa noite!

Clara—Peço-lhe que me não siga. (*sai*).

Fernando—Não corre esse perigo.

Clara (*tornando a aparecer*)—Peço-lhe que não chame por mim esta noite!

Fernando—Pode estar segura; ainda que arda este prédio não a chamo!

Clara (*tornando a aparecer*)—Tens um coração de bronze! (*sai e fecha a porta*).

Fernando—Melhor, muito melhor!

CENA V

Fernando (*só*)

Fernando (*rindo*)—Ah, ah, ah!... (*espreitando pela fechadura*) Magnífico! Recolhe-se ao seu quarto...

(*volvendo-se*) Coitadinha... Tenho pena dela!... Mas se assim não fosse, como havia de ir ao baile para me explicar com Dolores?!... Deus me livre que as minhas loucuras de solteiro causassem o mais leve desgosto a minha mulher! Eu amo-a muito; ela é tão meiga!... Ah! mas quando chora faz uma cara tão feia... (*ri*).

CENA VI

Fernando e Toribio

Toribio (*à porta*)—Posso entrar, meu capitão?

Fernando—Quem é?

Toribio—Não é ninguém, meu capitão; sou eu.

Fernando—Quem és tu?

Toribio—Toribio, o 39 da oitava.

Fernando—Que queres?

Toribio—Não quero nada, meu capitão.

Fernando—Então que diabo vens tu aqui fazer?

Toribio—Venho da parte do meu primeiro-sargento trazer estes papéis.

Fernando—Ah... sim... são os mapas do pré. E por que motivo não veio o sargento?

Toribio—Eu não sei, meu capitão; mas ele quando me entregou estes papéis disse que lhe doía muito a barriga e não sei o que mais...

Fernando—Bem, bem; mas porque me apareces tão tarde?

Toribio—Porque não encontrei V. S.^a mais cedo.

Fernando—Há por lá alguma novidade?

Toribio—Cá comigo não há nenhuma, meu capitão.

Fernando—Não digo isso; digo se faltou alguém ao recolher.

Toribio—Saiba V. S.^a que ninguém... Ah! sim, faltou! Faltou o 45 porque lhe cortaram ontem uma perna no hospital... Ora aí está porque ele não apareceu.

Fernando (*penteando-se e compondo-se ao espelho*)—És um grande estúpido!

Toribio (*rindo apavoradamente*)—Obrigado, meu capitão; mas saberá V. S.^a que eu não sou estúpido, sou Barroão; quero dizer, a minha terra é ao pé das Boticas, chama-se o Cortiço.

Fernando—Pois olha, tu não pareces das melhores abelhas... E tens saudades da tua terra?

Toribio—Ah! meu capitão! nem é bom falar nisso! Eu ando assim a modos maluco!... Eu dava de boa vontade um mês de pré para poder ver neste instante as minhas vacas, as minhas cabras, a minha família e...

Fernando—E o teu derriço!... Diz, não tens vergonha.

Toribio—Ah, meu capitão, nisso não falemos; eu não gosto de mulheres.

Fernando (*voltando-se*)—Não gostas de mulheres?

Toribio—Quero dizer, a filha do regedor lá do Cortiço já me arrastou a asa; mas juro, meu capitão, que nunca andei atrás dela. Um dia encontrei-a na fonte e quis abraçar-me.

Fernando—E tu que lhe fizeste?

Toribio—Deitei-a dentro do tanque.

Fernando—Que barbaridade! Pois fizeste isso?

Toribio—Fiz, meu capitão. A rapariga teve maleitas, mas agora já está rija como um ferro! Ela, coitada, ainda suspira por mim! Também, tem razão para isso, porque eu era o rapaz mais valente lá do Cortiço! Ora eu conto a V. S.^a um dia o filho do regedor principiou-me lá a roncá-lo e...

Fernando—Oh que feliz ideia!... (*chamando*) 39?

Toribio (*perfilhando-se*)—Pronto, meu capitão.

Fernando—Tu sabes roncá-lo?

Toribio—Roncar!

Fernando—Quero dizer, ressonar?

Toribio—Lá o instrutor não me ensinou isso, mas...

Fernando—Ressona lá.

Toribio—Oh, meu capitão, diante de V. S.^a tenho muita vergonha!...

Fernando—Se não ressonas, vais já daqui para o calabouço. (*Toribio ressona*) Mais forte. (*Toribio ressona com mais força*) Bravíssimo!... Toca a deitar.

Toribio—Pronto, meu capitão. (*quer retirar-se*).

Fernando—Onde vais, animal?

Toribio—Para o quartel.

Fernando—Alto aí! A tua cama hoje é esta.

Toribio—É esta?! Mas nós não cabemos ambos aqui!

Fernando—Imbecil! Eu vou para um conselho de guerra!

Toribio A meia-noite! (*à parte*) Oh, senhores, o capitão está maluco!

Fernando—Põe este barrete de dormir e toca a deitar.

Toribio—Porém, meu capitão!...

Fernando—Ou cama ou calabouço!

Toribio—Não; então antes a cama! (*põe o barrete e deita-se*).

Fernando—Meia volta para a parede! (*Toribio volta-se e Fernando cobre-o*).

Toribio—Ao menos deixe-me o nariz de fora, meu capitão!

Fernando—Assim... assim estás muito bem. Agora sentido! Se vier a criada, se vier a senhora, ressona; finalmente, venha quem vier, a ordem é ressonar!

Toribio—Pronto, meu capitão!

Fernando—Muito bem! Agora estou tranquilo!... Poderei ir ao tal conselho de guerra e demorar-me o tempo que quiser. Toribio, soldado da oitava, passará esta noite por capitão da mesma companhia. (*põe o boné, vai a sair, mas suspende, volta-se e chama*) 39? (*Toribio ressona muito alto*) A ordem é ressonar!... Agora aos braços de Dolores! (*sai, rindo*).

CENA VII

Toribio, depois Burrumeu

Toribio (*assentando-se na cama e embrulha-se na coberta*)—Que me fuzilem se eu entendo tudo isto!... Um conselho de guerra a meia-noite! Eu deitado na cama do capitão!... (*apalpando*) E como ela é mole!... (*reparando muito*) Para que diabo será isto?! (*paga nas almofadas*) Nada, isto não é daqui. (*põe-as no chão*). Pois, senhores, não me entendo com tanta trapalhada!

Burromeu (*entrando*) Ó patrão.

Toribio—Oh, cos demónios! (*deita-se com rapidez e ressona*).

Burromeu—Patrão, aqui tem a limonada. (*Toribio ressona mais alto*) Que roncadeira! Deixa-lo dormir. Quando acordar tomará o «relaxante». Agora vou levar a carta... e comprar de caminho o remédio para a Joana, que continua a estar com a tal maldita «cóleca».

Toribio—Cáspite, limonada!... (*pegando no copo*) Isto hoje pertence-me. (*bebe*) Oh, senhores, quem me dera ser capitão para tomar todas as noites limonada! Que doce que é! (*bebe mais*) Ah, ah!... Eu, em sendo general, hei-de gastar em limonadas todas as quinzenas de pré! Sinto passos! (*deita-se*).

CENA VIII

Toribio e Clara

Clara (*entrando com uma carta na mão*)—Isto é inaudito! Continua o visconde com as suas cartas ridiculas! Tal ousadia precisa de castigo severo!... Oh! meu Deus! quem sabe se a minha revelação dará causa a um duelo? Embora! A minha honra e a minha inocência estão primeiro que tudo! (*chamando com a maior firmeza*) Fernando! (*Toribio ressona mais alto*) Não me ouves, Fernando?! (*Toribio ressona mais alto*) Bem sei; queres fazer-me zangar. Pois olha, se não me respondes, deito fogo às cortinas do leito. (*vai buscar a luz*).

Toribio (*assustado*)—Não, não deite fogo, minha senhora, senão fico mais assado que um carapau! (*salta para o chão emburrado na colcha*).

Clara—Que vejo?! Um desconhecido! (*gritando*) Socorro, socorro, que tenho ladrões em casa!

Toribio (*tirando a colcha*)—Não grite, minha senhora! Eu não sou ladrão!

Clara—Um soldado!... Que faz o senhor aqui? O que pretende?

Toribio (*atrapalhado*)—Oh! minha senhora, não me pergunte nada, porque se respondo, fuzilam-me!

Clara (*à parte*)—Oh senhores, que ideia! Quem sabe se este homem será... (*abre a carta que tem na mão e lê*) «Minha querida senhora—Que tormentos vão no meu coração! Até hoje milhares de obstáculos me têm afastado de V. Ex.^a. Ah! Mas todas as dificuldades eu vencerei, para melhor poder admirar os encantos de V. Ex.^a. (*amarrotando a carta*) Não há dúvida, é o visconde! (*voltando-se para Toribio*) Senhor visconde, V. Ex.^a é um infame!

Toribio—Visconde! (*procurando pelo quarto e depois a Clara, muito admirado*) Eu é que sou o visconde?

Clara—É; não tente iludir-me! Aproveitou-se da ausência de meu marido para se introduzir nesta casa, E um cobarde! Um hipócrita!

Toribio (*à parte*)—Que diabo será «hipócrita»?

Clara—Conheço perfeitamente a sua vida...

Toribio—Então, pelo que vejo a senhora também é lá do Cortiço?

Clara—Senhor visconde, não queira ocultar as suas miseráveis intenções, representando o papel dum soldado estúpido. Queira sair já de minha casa!

Toribio—Pronto, meu capitão... quero dizer, minha senhora. (*vai para sair*).

Clara—Miserável! Vá agora alardear infâmias! Vá contar aos seus amigos que penetrou em minha casa e que sou uma mulher adúltera!

Toribio (*à parte*)—Que nome tão esquisito que ela tem!

Clara—Pois ainda não sai, senhor visconde?!

Toribio (*à parte, encaminhando-se para a porta*)—Que mania em me chamar visconde! (*alto, forçando a porta e vendo-a fechada*) Não posso; o criado saiu e deixou a chave pelo outro lado.

Clara—Sairá então pela janela. Vamos, senhor visconde. (*leva-o a janela*).

Toribio (*recua espantado*) Meu Deus! que altural!

Clara—Pois tem medo?! Um homem de honra... Toribio—Senhora, não sou nem homem de honra, nem visconde, nem entendo o que me tem estado a dizer! Eu sou Toribio Canudo, o 39 da oitava.

Clara—Que oíço?! Pois o senhor efectivamente é soldado?

Toribio—Sou soldado porque ainda não sai cabo; e logo que saia cabo, já não sou soldado. O meu capitão pôs-me de sentinela ali na cama e disse-me: «39, se vier alguém, ressona e não fales». Ora aí está toda a verdade.

Clara—E aonde foi o seu capitão?

Toribio—A um conselho de guerra.

Clara—A um conselho de guerra à meia-noite?! Ah! isto é sem dúvida um ardid. Vejamos se no bolso deste casaco encontro algum documento pelo qual possa saber-se... (*encontrando a carta de Segueira*) Ah! uma carta! Talvez ela me possa informar... (*abre e lê*) «Meu caro Fernando: Julgo conveniente comunicar-te que Dolores chegou há dois dias de Sevilha e vai hoje ao baile a S. Carlos... Infame! Agora sei a causa da sua indisposição! Queria um pretexto para sair. Ah! mas hei-de vingar-me!»

Toribio (*à parte*)—Oh senhores, eu dava uma marmita de rancho para sair desta casa!

Clara—Senhor Toribio...

Toribio—Canudo, minha senhora.

Clara—Senhor Toribio Canudo, deite-se outra vez.

Toribio—Oh! minha senhora, por alma do meu capitão, ponha-me ao fresco! Antes quero dormir na rua!...

Clara—Depressa!... sinto passos!... (*Toribio deita-se de repente e cobre-se*) Agora mando eu. A ordem é ressonar! (*sai apressada*).

Toribio—Estou condenado a roncar toda a noite! O soldado é tão desgraçado que até as mulheres o mandam deitar... (*cobre-se*) O remédio é... (*ressona*)

CENA IX

Toribio, Fernando, depois Clara

Fernando (*entrando com uma pequena caixa na mão*)—Perfeitamente!... Agora estou mais tranqüilo!... Pude obter todas as prendas que noutro tempo dei a

Dolores?... E minha mulher? Como estará ela? (*espreita à porta do quarto*) Dorme descurada... Agora despertemos este bruto para que recolha ao quartel. (*vai para chamar Toribio e aparece Clara; Fernando volta-se com rapidez*).

Clara (*à parte*)—Agora preciso vingar-me!... (*alto, com agrado*) O que é isso, Fernando? Já te levantaste? Tão cedo!...

Fernando (*à parte*)—Mau, mau! E eu que a julgava a dormir! (*alto*) É verdade... tenho de examinar as costas do pré e por isso...

Clara (*à parte*)—Bem sei! (*alto*) Não falemos mais nisso. Eu bem conheci que a tua indisposição era causada pelo aborrecimento da tua vida trabalhosa... E foi essa a razão por que te chamei, te abracei, te beijei e...

Fernando (*espantado*)—Pois tu vieste chamar-me? abraçar-me? beijar-me?!...

Clara—Pois não te recordas?!

Fernando (*à parte*)—Oh senhores, endoideço!

Clara—Por sinal que dormias e ressonavas como um padre! Acordei-te mansamente; as minhas palavras moveram-te e...

Fernando (*arrebatao*)—E depois?!

Clara—Depois... fizemos as pazes.

Fernando (*caindo sobre uma cadeira com abatimento*)—Fizemos as pazes?!

Clara—Fernando!... pareces zangado por te recordar momentos de tanta felicidade!...

Fernando—Basta, senhora!... Mas... preciso saber tudo que se passou mais? Diga, diga depressa!

Clara—Acaso não o sabes tão bem como eu?!

Fernando (*desesperado*)—Senhora, explique-se ou...

Clara—Não são precisas mais explicações. Mas que mudança, Fernando!... Já não pareces o marido carinhoso que há pouco encontrei!

Fernando (*fora de si*)—Oh! desgraçada!... Vou cometer uma atrocidade... (*perseguindo Clara; esta foge, entra no seu quarto e fecha a porta*) Abra, senhora, ou meto a porta dentro!

Clara (*dentro*)—Boa noite, meu amigo.

CENA X

Fernando e Toribio

Fernando—Oh senhores! estou furioso!... Ah! mas quem as há-de pagar é este bruto! (*vai á cama*) 39? (*Toribio ressona*) Toribio! (*ressona mais forte*) O bruto! Toribio (*sentando-se na cama*)—Pronto, meu capitão. Fernando—Saberás que te vou quebrar as costelas, patife!

Toribio (*saltando fora da cama e pondo-se de joelhos*)—O meu capitãozinho, perdão!... perdoe-me, meu capitão!...

Fernando—Levante-se já, e conte o que aqui se passou!

Toribio—Eu conto, eu conto, meu capitão! (*á parte*) Oh senhores! que olhos que ele me deita!... (*alto*) Eu conto, meu capitão! (*á parte*) Este diabo mata-me!

Fernando—O maroto! (*puxa-lhe as orelhas*) Tu brincas comigo?

Toribio—Ai, ai!... Eu conto, meu capitão... Eu bem sei que fiz mal!... Mas quando a vi, provei-a, pareceu-me tão boazinha... e...

Fernando—E depois?

Toribio—Depois deitei-me a ela... e...

Fernando—O patife, que te mato!... (*pega numa cadeira*).

Toribio (*de joelhos*)—Ó meu capitão, perdoe-me: eu pago a limonada... pago tudo!... Por S. Tomé, que é padroeiro lá do Cortiço, não me faça mal, que já não tomo mais nada!...

Fernando (*levantando a cadeira*)—Ah! patife!...

CENA XI

Os mesmos e Clara

Clara (*entrando rápida*)—Tem prudência, Fernando! De tudo que aqui se tem passado só tu és o culpado! (*para Toribio*) Levante-se.

Toribio (*levantando-se, á parte*)—Ah! desta mulher é que se fazia um bom capitão!

Clara—Este pobre rapaz está inocente: tudo quanto ele disse é com referência á limonada de magnésia...

Fernando—Porque? Tomaste a magnésia?

Toribio—Tomei, meu capitão; mas eu pago...

Fernando—O' bruto, que era uma purga!

Toribio (*agarrando na barriga e fugindo pela esquerda*)—Ai, ai, meu capitão, ai, ai, ai!

Fernando e Clara (*indo*)—Ah, ah, ah!

Clara—Fernando, sei tudo: li a carta do Sequeira, que te fala duma tal Dolores... Devias ter mais franqueza para comigo; porque, para o fim que era, não me opunha á tua ida a S. Carlos.

Fernando—Perdoa-me, Clara!... Não queria que te desgostasses comigo!

Clara—Estás perdoado, Fernando. (*abraçam-se*) Agora chama o pobre soldado e recompensa-lhe os sustos que lhe tens metido.

Fernando (*chamando*)—39?

Toribio (*dentro*)—Já vou, já vou, meu capitão, já vou!

Fernando—Toribio?

Toribio—Já vou, já vou, meu capitão. (*entra*) Pronto!

Fernando—Amanhã saíras cabo!

Toribio—Cabo?! Palavrinha?

Fernando—Palavra de capitão!

Toribio—Pois, palavra de cabo! Juro não beber mais limonada, cá por certos motivos... Ah! agora me lembrei! (*canta como quem toca corneta*) Trá, tá, tá!

Alto frente, perfilar,

E' dever cá do soldado

E colher as vossas palmas,

Se isso for do vosso agrado.

Toca, toca a destroçar.

Eu vos dou o «santo-e-senha»:

E' dar palmas ao Toribio,

Que andou em «palpos de aranha!»

(CAI O PANO)

TIPOGRAFIA
GARCIA & CARVALHO, LDA.
R. SANTO ANTONIO DA GLORIA, 96
LISBOA

TEATRO

DE MARCELINO MESQUITA

Leonor Teles, drama histórico em 5 actos, 12.^a edição.
Os Castros, drama em 4 actos.
Dor (A) Suprema, 3 homens e 3 senhoras, 4.^a edição.
A Noite do Calvário, drama em 5 actos.
Uma anedota, episódio dramático, 3 homens só, 6.^a edição.
Morta galante, monólogo em verso, 3.^a edição.
Pedro o Cruel, tragédia histórica.
O Regente, tragédia histórica.
Peraltas e Sécias, comédia em 3 actos.
3 Peças em 1 acto.

DE EDUARDO SCHWALBACH LUCCI

Sol de Abril, comédia em 3 actos.
Os Plimetas, comédia em 3 actos.
O Filho da Carolina, comédia em 4 actos.
Anastácia & C.^a, modas e confecções, comédia em 3 actos.
A Bisbilhoteira, comédia em 8 actos.
O Intino, comédia em 3 actos, 2.^a edição.
Santa Umbelina, comédia-drama em 8 actos.
A Cruz da Escola, comédia-drama em 3 actos.
A Senhora Ministra, comédia em 3 actos.
Quanto mais água...!, comédia em 1 acto.
Agulhas e alfinetes, copias da revista em 3 actos.
Barril de lixo, copias da revista em 8 actos.
Dente (O) do Maçático, copias da mágica em 3 actos.
Filhos do Capitão-Mor, copias desta opereta em 3 actos.
Formigas e formigueiros, copias desta revista em 8 actos.
Kiki, copias desta opereta em 3 actos.
Nicles, copias desta revista em 3 actos.
Retalhos, copias desta revista em 3 actos.
Retalhos de Lisboa, copias desta revista em 3 actos.
Reino da Bolha, copias desta revista em 3 actos.
O Poeta de Xabregas, copias desta opereta em 3 actos.

DE D. JOÃO DA CÂMARA

D. Brísida, comédia em 1 acto (em verso).
Ganha perde, comédia em 3 actos.
Pantano (O), drama em 3 actos, 2.^a edição.
Rosa Enfeitada, drama em 6 actos.
Toutinegra Real, comédia em 8 actos.
Os Gatos, monólogo em verso, 2.^a edição.
História da Carochinha, monólogo em verso, 2.^a edição.
A Primavera, monólogo em verso, 2.^a edição.
Os Sinos, monólogo em verso, 2.^a edição.
Ali-Babá, copias desta opereta em 3 actos.
Bibi & C.^a, copias desta opereta em 3 actos.
Burro (O) do Sr. Alcaide, copias desta opereta em 8 actos.
Coco, Refeição e Facada, copias desta opereta em 3 actos.
O Olho, copias desta opereta em 3 actos.
João das Velhas, copias desta opereta em 3 actos.
Solar dos Barrigas, copias desta opereta em 3 actos.
Testamento da Velha, copias desta opereta em 3 actos.